

Índice

Primeira Parte	
<i>Domingo, 26 de janeiro de 2020, Zurique, Suíça</i>	13
Desculpa não Ter Atendido a Tua Chamada	19
<i>Domingo, 26 de janeiro de 2020, Zurique</i>	21
Os Irmãos dos Livros	25
<i>Segunda-feira, 27 de janeiro de 2020, Zurique</i>	27
A Luz Verde Provisória	33
<i>Segunda-feira, 27 de janeiro de 2020, Zurique</i>	37
<i>Julho de 2019. Os Cadernos Azuis</i>	39
<i>Segunda-feira, 27 de janeiro de 2020, Zurique</i>	41
<i>Segunda-feira à noite, 27 de janeiro de 2020, Zurique</i>	43
<i>Setembro de 2005, Durham, Connecticut. Como Nos Conhecemos</i>	45
<i>Continuação de segunda-feira à noite, 27 de janeiro de 2020, Zurique</i>	47
Babu, Rei dos Castelos	51
<i>Terça-feira, 28 de janeiro de 2020, Zurique</i>	53
<i>Quarta-feira, 29 de janeiro de 2020, Zurique</i>	55
Segunda Parte	
Fim da Vida	59
<i>Março de 2019, Stony Creek, Connecticut. Uma Coisa Súbita e Lenta</i>	61
Mensagens não Recebidas	65
Dignitas	69
<i>Continuação de quarta-feira, 29 de janeiro de 2020, Zurique</i>	73
<i>Primavera de 2019, Stony Creek. Diz-Me porquê</i>	75
Reforma Precoce	79
Tocar Campanhas	85

<i>Quinta-feira, 18 de julho de 2019, Stony Creek. Dia da Ressonância Magnética</i>	95
<i>Quinta-feira, 15 de agosto de 2019, New Haven, Connecticut</i>	103
O Teste em Que Se Desenha o Relógio e o Pequeno Exame do Estado Mental	109
Direito a Morrer	121
<i>Setembro de 2019, New Haven</i>	127
Alpista	139
O Fim da Feira de Guilford	145
<i>Quinta-feira, 14 de novembro de 2019, Stony Creek. Noite de Luar em Vermont</i>	149
<i>Outono de 2019, Stony Creek</i>	151
Uma Ajudinha	155
É Melhor Ter Sorte	167
Cuidar da Memória	171
Bote Salva-Vidas	175
<i>Fim de novembro de 2019, Stony Creek</i>	181
<i>Inverno de 2019, Stony Creek</i>	193
O Meu Marido	199
<i>Quinta-feira, 30 de janeiro de 2020, Zurique</i>	203
As Guardiãs do Templo	207
<i>Quinta-feira à noite, 30 de janeiro de 2020, saindo de Zurique</i>	211
<i>Sábado, 8 de fevereiro de 2020, Stony Creek</i>	215
<i>Sábado, 15 de setembro de 2007, Durham, Connecticut</i>	225
Agradecimentos	231

Primeira Parte

Domingo, 26 de janeiro de 2020, Zurique, Suíça

Este voo com destino a Zurique é uma nova versão, não propriamente normal, de algo que eu e o Brian sempre adorámos fazer: ir de viagem. Pode ser de carro, de comboio, de *ferry*, de avião. Gostamos de todos os tipos de viagens e da maior parte das coisas que vamos comprando pelo caminho, e esta jornada até Zurique assemelha-se aos nossos outros passeios, embora ao mesmo tempo seja diferente de tudo o que alguma vez fizemos. Como habitualmente, chamamos um carro para nos levar ao aeroporto, porque é chique e também para evitar as complicações com o estacionamento — além de que, mesmo antes de o Brian ter sido diagnosticado com Alzheimer, a nossa falta de sentido de orientação costumava acrescentar uns 20 minutos a todas as ligações entre transportes. Ainda nos sobra tempo para comer num restaurante antes da partida, às seis da tarde. Eu compro um batom e um pequeno tubo de creme para as mãos; o Brian, algumas guloseimas. Partilhamos as pastilhas elásticas. Partilhamos uma garrafa de água.

No avião, apreciamos o momento de nos sentarmos e a atenção das hospedeiras, que já gostam de nós, porque o Brian não só insiste em mostrar consideração por todos os funcionários da Swissair como revela ter consciência do seu tamanho, simplificando-lhes a vida ao não entornar copos com um qualquer movimento brusco dos braços. Além disso, parecemos pessoas que não se vão pôr a gritar à meia-noite, exigindo mais bebidas alcoólicas

ou mais amendoins. Ninguém aprecia melhor a classe executiva do que os passageiros que costumam voar sempre em económica.

Nós sorrimos desde o momento do embarque. Ajeitados os assentos da classe executiva, mostramo-nos efusivamente gentis com as hospedeiras. É óbvio que gostamos um do outro e estamos felizes por viajarmos juntos. Assim que nos trazem as bebidas (em copos!), fazemos um brinde à minha irmã e ao meu cunhado, que pagaram esta nossa viagem até Zurique.

O escritório da Dignitas fica em Zurique e é para lá que vamos. A Dignitas é uma organização suíça sem fins lucrativos que nos abre a porta do suicídio assistido. Nos últimos 22 anos, a Dignitas tem sido a única solução para os americanos que desejam pôr fim à sua existência e não estão garantidamente num quadro de doença terminal, com uma esperança de vida inferior a seis meses. É este o regime em vigor nos Estados Unidos, mesmo nos nove estados (mais o Distrito de Columbia) que contemplam o direito de morrer, estados sobre os quais muitos americanos mais velhos, com doenças incuráveis, alimentam fantasias, e que eu investi-guei a pedido do Brian, até descobrir que o único lugar no mundo que disponibiliza um suicídio legal, tranquilo e sem dor, é a Dignitas, nos arredores de Zurique.

A minha irmã chorou comigo desde a segunda consulta com a neurologista, quando a médica precisou de menos de uma hora para fazer um exame ao estado mental do Brian, informando-nos no fim de que ele tinha quase de certeza Alzheimer, e que provavelmente já estaria doente há vários anos, a julgar pelo seu QI elevado, as suas dificuldades com o equilíbrio e a proprioção, e a sua má performance no exame. O Brian levou menos de uma semana a decidir que não queria sujeitar-se à «longa despedida» do Alzheimer. E eu também demorei menos de uma semana a encontrar a Dignitas, após várias longas pesquisas no Google. Entre o verão e o inverno, a minha irmã, Ellen, que me ama e gostava muito do Brian, tentou ao máximo não me dar sugestões, não dizer

«e se...», não insinuar que talvez o Alzheimer do Brian pudesse ser menos grave do que pensávamos, ou de progressão muito lenta, tentou também não chorar quando eu não chorava, e não deitar cá para fora o seu próprio sofrimento pela perda de uma das suas pessoas preferidas e do nosso quarteto tão compatível. (Quando se encontraram pela primeira vez, há 14 anos, o Brian entrou na cozinha da Ellen, com o seu charme todo, e disse: eu amo mesmo a tua irmã. A Ellen nem sequer se virou. Respondeu-lhe: atreve-te a magoá-la e eu mato-te.) A Ellen ligou-me numa manhã de dezembro, muito cedo, quando já havia quase a certeza de termos caminho aberto para a Dignitas, e disparou: Digam-me só do que é que precisam. Eu respondi, com alguma relutância: vinte mil. E a minha irmã mais velha disse: vou passar um cheque de trinta mil. Acabámos por gastar o dinheiro todo, entre as duas derradeiras grandes pescarias do Brian, o ele não trabalhar, o eu não trabalhar, o estarmos sempre a comer fora, às vezes almoço e jantar, nos melhores restaurantes de New Haven. Gastámo-lo naquela que seria a nossa última celebração de aniversário juntos, e em quatro noites no hotel de cinco estrelas em Zurique, e a mandar vir carros para nos transportarem pela cidade, e nas voltas turísticas em Zurique, e nas passagens de uma amiga minha que foi até à Suíça só para me acompanhar no voo de regresso, e em tudo o que tornou os meses piores mais suportáveis, e no pagamento propriamente dito à Dignitas (cerca de dez mil dólares, valor final).

Nos nossos confortáveis lugares da Swissair, que dão para transformar em cama, fiz um brinde com o Brian, e dissemos *À tua*, hesitando um pouco, em vez do que costumamos dizer, *Cent'anni* («Que cheguemos aos cem anos», um brinde muito italiano). Não haverá *Cent'anni* para nós; não chegaremos sequer ao nosso 13.º aniversário de casamento.

Aproximámo-nos um do outro e depois recostámo-nos no banco, cada um a ajeitar-se com os sapatos de encontro à maleta arrumada debaixo do assento da frente, cada um abrindo os saqui-

nhos de oferta da companhia aérea e tirando lá de dentro as meias (sim) e os tapa-olhos (nunca) e as minúsculas pastas dentífricas e as ínfimas escovas de dentes, que continuamos a acreditar que encantarão as netas, embora isso nunca aconteça.

Tudo se passa de forma que diríamos normal, como tanto do que fizemos nos últimos anos, como o próprio voo e os gestos que o precederam — o trajeto até ao aeroporto, o controlo de segurança (o fútil mas enorme prazer de ir para a fila em que não é preciso descalçar os sapatos, nem tirar o cinto), a refeição bastante boa que comemos no JFK*. Tudo parece normal, a não ser o facto de eu ainda me lembrar de como era diferente estarmos juntos, de eu estar com o Brian, há três anos, quando não ficava ansiosa assim que ele saía de casa, para ir comprar o jornal, até ao momento do seu regresso. Visto de fora, ou até de dentro (um dentro em que também eu não tivesse memória de como costumávamos viver a nossa vida), é tudo quase normal.

Desta vez, para chegarmos ao JFK, não recorremos ao Arnold, o senhor que costuma conduzir o nosso carro até ao aeroporto e depois o estaciona à nossa porta. O Arnold transporta-nos, e aos meus filhos e netas, há seis anos, e partilhou connosco a sua paixão pelas motos, o facto de se manter sóbrio e os problemas de saúde da mulher, para equilibrar, parece-me, toda a informação que foi recebendo sobre nós, mesmo sem querer. Eu não conseguiria mentir ao Arnold sobre o destino da nossa viagem, mas também não aguentaria dizer-lhe a verdade, e não fui capaz de inventar uma meia-verdade (a técnica preferida dos grandes mentirosos) sobre o motivo por que íamos a Zurique no fim de janeiro. Para fazer esqui? Para pescar no gelo? Para ver os vitrais de Chagall na Igreja Fraumünster? Temi o olhar de comiseração do Arnold, pelo espelho retrovisor, e não seria capaz de o suportar, por causa do orgulho do Brian e do meu sentimentalismo, e, tal como não conseguiria aguentar qualquer tipo de dureza, acho que

* O aeroporto John F. Kennedy, informalmente conhecido por JFK, é o principal dos três grandes aeroportos que servem a cidade de Nova Iorque. Situa-se em Queens, a cerca de 25 quilómetros da baixa de Manhattan. (N. T.)

também não aguentaria a bondade. Eu queria que não acontecesse nada, apenas uma reação de indiferença, e foi exatamente isso que tivemos da parte do motorista que nos foi buscar de limusina. No trajeto de duas horas e meia, falou uma única vez. Perfeito.

No JFK, ficámos a meio do Terminal 4 e escolhemos um restaurante, melhor do que o Shake Shack (que eu adoro e o Brian não), mas menos bom do que o Palm, que parece disparatadamente caro, embora, agora que escrevo isto, me lembre de que afinal acabámos por ir mesmo ao Palm, porque... obviamente.

O Brian pediu tudo o que desejava — e, pareceu-me, tudo o que alguém pode imaginar pedir — no restaurante Palm do JFK, exceto vodca com gelo, que ele de vez em quando mencionava querer, no último ano e picos.

No Palm, Brian mandou vir aros de cebola e uma costeleta com batatas fritas e uma salada Caesar e pão de alho e ainda teria pedido um *cocktail* de camarão, se eu não lhe tivesse sussurrado, como a esposa judia dos anos 50 em que pelos vistos me transformei, só me faltando a permanente caseira e um avental com bainha em ziguezague: A sério? Vais comer camarão num restaurante de carnes, no aeroporto? O Brian encolheu os ombros: Tudo bem, não faço assim tanta questão de comer camarão no aeroporto, mas de qualquer maneira o que poderia correr assim tão mal? Se desse uma dentadinha e visse que não é grande espingarda, deixava no prato. Um desperdício de dinheiro? E depois? Podia até *morrer* por causa de um camarão estragado, e isso no fundo não nos poupava a esta trabalhadeira toda? Ou então ficava com uma intoxicação alimentar e acabava por perder o voo. Ao pronunciá-lo, pousou o menu e olhou para mim como tantas vezes fazia agora, com uma compreensão resignada, um certo cansaço e um estado de espírito consumido.

Choraminguei durante o jantar todo, com o Brian a acariciar-me a mão de vez em quando. Continuei a chorar porque o amava e aos seus apetites, e a toda a sensualidade e ânimo vivo e entusiasmo que lhes estavam associados.